

LITERATURA E ANTROPOLOGIA - O CONCEITO DE UNIVERSAL**

RESUMO

Este ensaio tem como objeto a reflexão sobre o papel da Antropologia para os estudos literários, especificamente quanto ao conceito de universal.

RESUME

Cet essai a pour objet la réflexion sur le rôle de l'Anthropologia dans les études littéraires, notamment en ce qui concerne le concept d'universel.

* Professora de Teoria da Literatura da FALE/UFMG.

**Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, realizado em Porto Alegre, junho de 1988.

É por demais conhecida a grande contribuição da Antropologia para os estudos das Ciências Humanas e, principalmente, para a Literatura. Ao se configurar enquanto reflexão sobre a interdisciplinaridade, a Literatura Comparada mantém com a Antropologia um relacionamento bastante enriquecedor. Ignorar a dimensão cultural das manifestações artísticas, seu vínculo com realidades que formam e integram a Literatura, a transformaria em texto desprovido de significação contextual e, conseqüentemente, restrito a uma ilusória autonomia. E é por reconhecer a fragilidade do discurso crítico literário, pautado exclusivamente em critérios a ele inerentes, que a Teoria da Literatura tem dirigido seu olhar para outros ramos do saber, no desejo de melhor conhecer seu objeto.

O despojamento e a abertura para a interdisciplinaridade tem sido a nossa grande conquista e que, no entanto, não se deve diluir na prática de um exercício repetitivo e reprodutor de teorias. A articulação conceitual e a releitura das apropriações de outros domínios do conhecimento ampliam os limites de cada área, além de criar condições para se obter ganhos relativos a melhor operacionalização das teorias.

Centralizando minha reflexão na importância da Antropologia para os estudos literários e, especificamente, no que diz respeito ao conceito de *universal*, detenho-me no exame do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss, ou seja, na discussão do método e na questão relativa ao etnocentrismo. Minha participação neste texto é devedora ao trabalho teórico realizados por Luiz Costa Lima, que se notabiliza entre aqueles que não só "traduziram" como procuraram trazer para o discurso crítico as

idéias de Lévi-Strauss. Grande parte de minhas considerações nasceu da leitura de seus textos, assim como uma parcela de minha formação teórica é a ele tributária. Com certa distância, pretendo fazer uma breve revisão da prática de análise estrutural antropológica, sem contudo invalidar o débito para com essa disciplina, pela qual mantenho profunda admiração e interesse.

Lévi-Strauss, ao se posicionar contra o Etnocentrismo, suscitou a abertura para a questão do outro, por reconhecer que a cultura do homem branco e ocidental, determinante e auto-suficiente, não mais se sustentava em termos de privilégio cultural. A constatação da alteridade permitiu o apagamento gradativo das diferenças e a lenta diluição das hierarquias. Os homens, não mais se dividindo entre aqueles que *crêem* e aqueles que *raciocinam* (o pensamento selvagem se opondo ao pensamento lógico), passam a receber tratamento igualitário, uma vez que, felizmente, *todos os homens raciocinam*.

O processo de descolonização cultural, teorizado por estudiosos do Primeiro Mundo, nos chega de maneira atraente e torna-se eficaz à manifestação de muitas de nossas latentes inquietações. Desconfia-se da história e da tradição, da legitimidade de culturas impostas por critérios ligados a determinada classe social ou à dominação cultural, rompendo-se, dessa maneira, com um certo tipo de linhagem humanista e preconceituosa. Paradoxalmente, a Antropologia, ao se interessar pelo estudo do homem em sociedade, é a primeira a descentrá-lo, introduzindo o corte com o etnocentrismo e privilegiando o jogo de relações em detrimento da presença "acalentadora" de entidades fixas e imutáveis.

Instaura-se, portanto, a relação com o outro e essa articulação irá processar-se no plano do *inconsciente*. Segundo Andrea Bononi, "a comunhão entre subjetividades diversas não advém apenas nas instituições elaboradas conscientemente em vista de um fim intersubjetivo, mas tem na gênese sua pertinência a uma estrutura comum, e universalmente válida, da atividade inconsciente".¹ Essa atividade inconsciente se pauta nas descobertas realizadas na Lingüística por Saussure e, posteriormente, pela Fonologia de Trubetskoy. Com Saussure, Lévi-Strauss associa a Antropologia Social à semiologia, estabelecendo, assim, a natureza simbólica de seu objeto. Se o objeto da Lingüística é o signo, o da Antropologia será a articulação dos signos no meio social, sejam eles verbais ou de outra ordem. (Cf. L. C., Lima.

"Estruturalismo e crítica literária"). A Fonologia de Trubetskoy fornecerá o modelo à antropologia, pela necessidade de se passar do estudo dos fenômenos conscientes de linguagem à abordagem dos fenômenos inconscientes os quais, desconhecidos pelo falante, deverão ser formalizados por um modelo que revelará um conjunto de leis *universais e latentes*.

Luiz Costa Lima, em seu artigo "Estruturalismo e crítica literária", questiona a *generalidade do inconsciente* em Lévi-Strauss, por reduzi-lo à mesma articulação binária, levando-o a postular a universalidade das estruturas e, conseqüentemente, o abandono das diferentes manifestações discursivas que, ao contrário dos mitos, escapam a essa articulação. Cito a passagem, que é bastante esclarecedora:

"Foi uma conquista importante da obra de Lévi-Strauss saber ler, sob Freud e a partir de Trubetskoy, a generalidade do inconsciente como infra-estrutura lógica. Este alcance, entretanto, é comprometido pela admissão precipitada de que tal máquina teria sempre um mesmo modo de atuação, o relacionamento binário, que, discutível na própria fonologia, termina por anular a possibilidade de de atuações diversas do inconsciente - i. e, que seu trabalho seja demonstrável por lógicas mais complexas. A generalidade do inconsciente em Lévi-Strauss, ademais, parte do princípio de que não há regiões discursivas diferenciadas, o que determina um reducionismo limitativo, cujas conseqüências negativas se apresentam em sua aplicação ao campo poético".⁴

Vejamos como se processa a caracterização dessa estrutura dotada de lógica binária e inconsciente, se a compararmos com a noção de estrutura em R. Barthes, no seu artigo "Introdução à análise estrutural da narrativa". Com o Formalismo Russo e seus seguidores da Escola Francesa, acreditava-se no modelo universal da narrativa, em que todas as narrativas do mundo pudessem se encaixar. O modelo, como se percebe, é ainda similar ao linguístico e segue as leis da análise morfológica. A universalidade irá incidir na estruturação sintagmática do enredo, semelhante para todas as narrativas, e na descrição das leis que o regem.

Lévi-Strauss, ao se deter na análise dos mitos indígenas para melhor compreensão da sociedade da qual participam, não se preocupa em delimitar um modelo universal da narrativa, mas em

verificar que as leis que regem os mitos são as mesmas que regem o pensamento. Essas leis, inscritas no inconsciente, são constituídas enquanto razão natural e guiadas por uma lógica es pontânea e universal. Daí ser o pensamento selvagem homólogo ao pensamento civilizado, o que permitirá ao antropólogo, pela racionalidade e abstração do modelo, formular uma concepção mais ampla do espírito humano. Logo, "somos todos iguais perante a lei"... e a razão. Essa é a premissa dos discursos universalistas: ser livre é ser racional. A liberdade humana se pauta pela racionalidade e o homem civilizado reconhece no "outro" a racionalidade que lhe é peculiar. Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*, nos fala dessa natureza universal do sistema que preside a criação, os ritos e jogos da sociedade: "O conjunto dos costumes de um povo é sempre marcado por um estilo; formam sistemas. Estou persuadido que esses sistemas não existem em número ilimitado e que as sociedades humanas, tal como os indivíduos - nos seus jogos, nos seus sonhos ou nos seus delírios - nunca criam de maneira absoluta, limitando-se sim a escolher certas combinações, num repertório ideal que seria possível reconstituir".³

Se foi este o resultado a que chegou o antropólogo, porque não repassarmos o caminho do método e extrair daí a riqueza e abertura proporcionadas ao estudo da literatura? Ao desprezar a afirmação de existir uma versão do mito que fosse considerada original e a mais completa, L. Strauss se entrega à comparação exaustiva (e obsessiva) de várias versões, rompendo a hierarquia de valores e a concepção falsa de *totalidade*, presumivelmente encontrável nas versões particulares ou na análise do conjunto. O respeito e interesse pelas diferenças - produtoras do sentido da relação - também se manifestam na análise deste tecido metodológico que se ia formando pelas múltiplas versões orais do mito. Com L. Strauss aprendemos ainda a valorizar o estudo minucioso do texto, a relação enriquecedora dos pares de oposição, a abertura maior para a intertextualidade. O maior fruto legado pelo estruturalismo antropológico foi justamente a aquisição de uma prática de leitura que escapava da abordagem parafrástica do texto e se articulava numa eficaz formalização dos dados.

Curiosamente, a lição da Antropologia para as Ciências Humanas é sintetizada por um pesquisador do Primeiro mundo, Alain Finkielkraut, em *A derrota do pensamento*, que faz questão de reproduzir, por falar de outro lugar que não o nosso. Faz-se

notar um certo ressentimento pela quebra de hierarquias ou, como ele próprio ironiza, por constatar que na época pós-moderna, "um par de botas vale um Shakespeare", ou que há a mesma admiração por "rei Lear e por Charles Jourdan":

Sob o olhar nivelador da ciência, as herarquias são abolidas, todos os critérios de discriminação são constrangidos a confessar suas arbitrariedades: nenhuma barreira separa mais as obras-primas de todo o resto; a mesma estrutura fundamental, os mesmos traços gerais e elementares se encontram nos "grandes" romances (cuja excelência é doravante acompanhada de aspas desmitificadoras) e nas formas plebéias da atividade narrativa. ⁴

Suspendendo por questão do tempo, esta breve incursão pelo caminho da antropologia, deixo como reflexão a idéia de ser o conceito de universal um *fetiche*, construído pelo olhar distraído do desejo. Esse olhar, que se cega para o objeto visível, por ter em mente apenas o objeto que pertence à ordem do invisível e do impossível, constrói a imagem desse homem descentrado, incorpóreo e desmitificado enquanto peça original. Copiado e multiplicado em várias versões que o reproduzem, seu rosto se dilui na névoa da indiferença e da diferença. A racionalidade, mediadora dos dois tipos de cultura (selvagem e domesticada) e responsável pela noção de igualdade entre os povos, permite que desapareçam, ao mesmo tempo, os conceitos de unidade e integridade, pois o outro é que nos irá informar e compor, cumprindo a premissa da alteridade: *o real do sujeito é o duplo*.

Abrindo espaço para a circulação de subjetividades, o inconsciente lévi-straussiano, forma e lugar do vazio, irá funcionar como artefato controlador do pensamento universal. E onde fica a particularidade de cada povo e de cada obra? Em que lugar se situaria esta estrutura, sintetizadora de imagens díspares e depositárias de uma imagem única?

Os discursos universalistas, defensores da igualdade e bem-estar entre os povos, apregoam a imagem incorpórea do homem que se assemelha à construção ilusória de seu conceito. Se todo conceito é produzido por intermédio de uma teoria e, portanto, de um aparato racional, deduz-se que o *universal* guarda seu sentido apenas enquanto desejo e fantasma: a busca do simulacro no

lugar do objeto e do falso no lugar do original.

Denunciar a impossibilidade de se acreditar no universal não invalida, contudo, a nossa busca obsessiva e ilusória do original, embora saibamos que a criação de teorias importa menos o objeto que o simulacro, lei do fetichista que prefere o ídolo aos deuses.

NOTAS

1. BONOMI, Andrea. "Implicações filosóficas na Antropologia de Claude Lévi-Strauss". In: COSTA LIMA, Luiz (org. e introdução). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. Petrópolis, Vozes, 1970. p. 121.
2. COSTA LIMA, Luiz. "Estruturalismo e crítica literária". In: _____. (Seleção, introdução e revisão técnica.) *Teoria da Literatura em suas fontes*. V. II. Rio, F. Alves, 1983. p. 242.
3. LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Trad. de Jorge Constante Pereira. Lisboa, Portugal, s/d. p. 225.
4. FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*. Trad. Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 77.